



05mar
2018



* Maciel Aleomir

Maciel Aleomir da Silva - Engenheiro Agrônomo formado pela Universidade Federal de Viçosa e Assessor Técnico da Comissão Nacional do Café da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

Nesta terra, em se plantando, café dá?

Por Maciel Aleomir*

Pero Vaz de Caminha, mensageiro português, cometeu um erro ao relatar em sua carta ao rei Dom Manuel de Portugal, em 1500, a famosa frase: “Nesta terra, em se plantando, tudo dá!”, após sua chegada ao Brasil. O primeiro equívoco foi deixar-se levar pela exuberância da vegetação, da costa do descobrimento, que não representava o país como um todo.

Além disso, para que houvesse produção agrícola satisfatória seriam necessárias adequações do ambiente de cultivo, devido às características de clima e solo das terras tupiniquins. No entanto, tudo isso foi descoberto séculos depois.

Essas adequações tiveram início com o advento da agricultura no país, e ocorreram de forma intensa e revolucionária na segunda metade do século XX. Elas foram impulsionadas pela necessidade do aumento de produtividade, da eficiência de uso do capital e da mão de obra e, conseqüentemente, da eficiência econômica.

A modernização foi marcada pelo desenvolvimento da pesquisa, acesso ao crédito, assistência técnica e extensão rural do país, que viabilizou a utilização de corretivos de solo, fertilizantes, defensivos e maquinários de cultivo pelos agricultores. O resultado foi o aumento da oferta de produtos agropecuários, possibilitando a compra, pela população, a preços menores.

Com o cultivo de *Coffea canephora* (conilon) no sul da Bahia, região do descobrimento, não foi diferente. Muitos cafeicultores capixabas foram atraídos pela oferta de terra a preço menor e, principalmente, pelas condições climáticas adequadas ao cultivo do café na região. Junto com eles foram levadas as técnicas de cultivo e o conhecimento adquiridos no Espírito Santo.

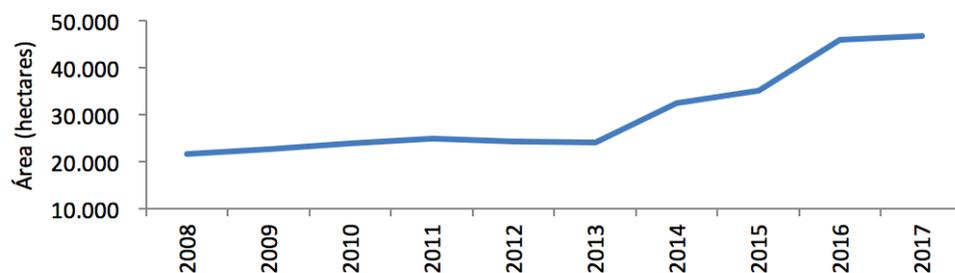
Não demorou para esse conhecimento resultar em desenvolvimento para a região, que se encontra em constante ascensão até os dias atuais, o que fica explícito ao analisar o desempenho da cafeicultura dos últimos dez anos.

Incentivados pelas novas tecnologias, pelo clima e pelos resultados econômicos, os produtores do Sul da Bahia mais que dobraram a área cultivada com *C. canephora* nesse período. Esse aumento, porém não foi constante ao longo dos anos.

Entre 2008 e 2011 verificou-se aumento de 15% na área, que ocorreu quase linearmente. Esse aumento, possivelmente, foi incentivado pelos picos de preço do *C. canephora* de 2007 e 2008, no mercado físico.

O maior aumento na área foi verificado entre 2013 e 2017. Nesse período, a área em produção saiu de 24,2 mil hectares para 46,8 mil hectares, aumento de 93% no período (Figura 1).

Figura 1. Evolução da área em produção com *C. canephora* na região do atlântico, ao sul do estado da Bahia de 2008 a 2017



Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB 2017)

Quanto à produção, entre 2008 e 2010, ela apresentou-se estável. Apesar do leve aumento em área verificado no período, ela foi freada por longos períodos de estiagem entre os meses de outubro/2008 e janeiro/2009 e depois entre dezembro/2009 e fevereiro/2010.

Já para a safra de 2011, apesar das limitações meteorológicas no mês de dezembro de 2010 e fevereiro de 2011, a produtividade média aumentou em 6 sacas/hectare, que associada ao aumento em área resultou em uma produção 31% superior a de 2010.

Na safra colhida em 2012, a ausência de problemas meteorológicos, nos momentos críticos da cultura, permitiu que a produtividade voltasse a crescer, atingindo 33,3 sacas/hectare. O que resultou em uma produção de 812 mil sacas.

As diminuições nos índices pluviométricos no final de 2012 e início de 2013 resultaram na redução em 10% na produtividade em 2013. Assim, a produção recuou para as 723 mil sacas colhidas.

Para a safra de 2014, a recuperação das boas condições climáticas no final de 2013, associada ao aumento na área, resultou no aumento de 44% da produção.

Ao contrário do que ocorreu no Espírito Santo, para a safra de 2015, as condições meteorológicas foram consideradas relativamente boas para o desenvolvimento da cultura, o que resultou em uma produção 14% superior a de 2014.

No entanto, o mesmo não se repetiu para a safra de 2016. A região sofreu os efeitos da seca na mesma proporção que o estado do Espírito Santo, com uma redução de

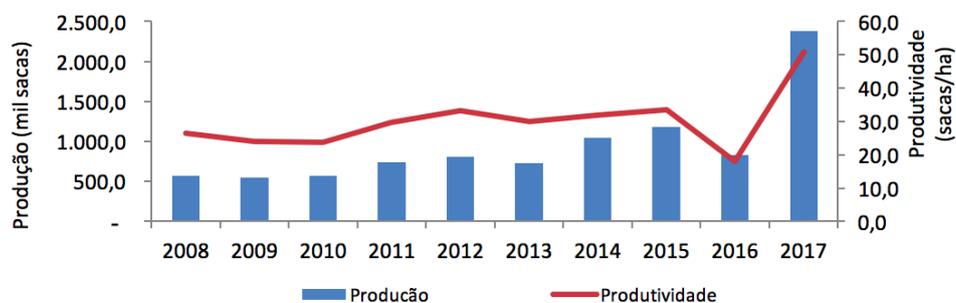
30% na produção, comparada ao ano de 2015, atingindo o volume de 826 mil sacas. A queda na produção só não foi maior devido ao aumento na área produtiva, que também foi de 30% nesse mesmo intervalo.

Em 2016, devido ao efeito da seca nas principais regiões produtoras do país, o Brasil atingiu o menor volume de produção de *C. canephora* no período analisado, chegando a aproximadamente 8 milhões de sacas.

Em 2017, foi verificada uma recuperação surpreendente da produção na Bahia, resultado do alto padrão tecnológico empregado, do leve aumento da área e das condições climáticas adequadas. Com a produção de 2,3 milhões de sacas, a maior no período analisado, o Estado assumiu a segunda posição na produção nacional de *C. canephora*, ficando atrás apenas do Espírito Santo (Figura 2).

Apesar das oscilações dentro do período, a produção de café na região aumentou 314%, entre 2008 e 2017.

Figura 2. Evolução da produção (1000 sacas) e produtividade (sacas/hectare) do *C. canephora* na região do atlântico ao sul do estado da Bahia de 2008 a 2017



Fonte: Conab 2017

Por meio do projeto Campo Futuro, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) em parceria com o Centro de Inteligência em Mercados da Universidade Federal de Lavras (CIM/UFLA), Federações de Agricultura e Sindicatos, são realizados levantamentos de custo de produção na região, há 10 anos. Nas Figuras 3a e 3b é possível verificar os dados de custo de produção, receita bruta e margens de lucro de 2008 a 2017, trazidos a valores presentes, por meio do Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) de agosto de 2017.

Cumprindo o que se propunha nos momentos revolucionários de desenvolvimento da agricultura, a região apresentou redução expressiva nos custos entre 2008 e 2012 (Figura 3a). Porém, mesmo com custos menores, a atividade trabalhou com margens negativas nos anos de 2009 e 2010, resultado da queda no preço do *C. canephora* nesses anos e, conseqüentemente, da receita bruta (Figura 3b).

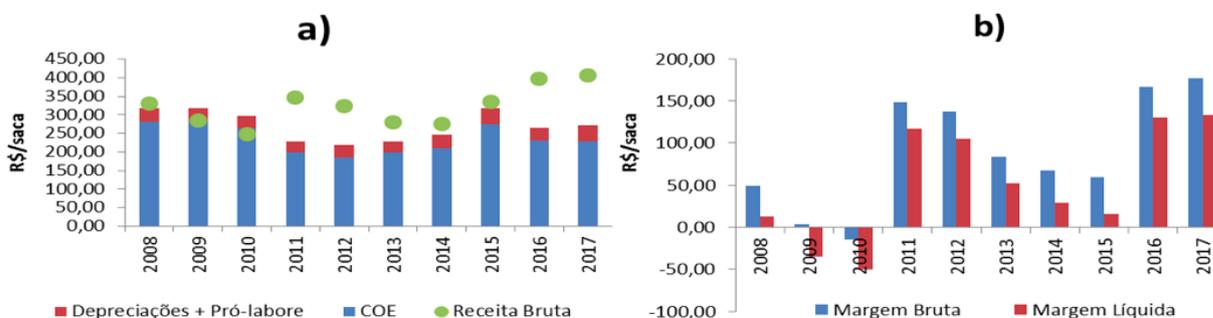
De 2013 a 2015, devido aos maiores custos com insumos, houve um aumento no Custo Operacional Efetivo (COE) que ficou em R\$ 275,51/saca. O aumento dos custos, associado à oscilação negativa nos preços, voltou a estreitar as margens de lucro da região, mas mantendo-as positivas.

Em 2016, a ausência de chuvas fez com que algumas atividades como adubação não fossem realizadas, promovendo a redução dos custos, novamente.

¹ Custo Operacional Efetivo (COE) - refere-se a todos os desembolsos realizados com a atividade durante uma safra.

Já em 2017, o COE ficou similar ao de 2016 (R\$ 228,62/saca). Mas, o Custo Operacional Total (COT) apresentou-se levemente superior, devido aos maiores custos com depreciação e pró-labore. Porém, com o salto de preço do C. canephora, esse ano foi o que apresentou a maior Margem Bruta e Margem Líquida do período analisado.

Figura 3. a) Evolução do Custo Operacional Efetivo (COE), custo com Depreciações e Pró-labore e Receita Bruta do *C. canephora* do Sul da Bahia, de 2008 a 2017. b) Evolução da Margem Bruta e da Margem Líquida do *C. canephora* da região Sul da Bahia, de 2008 a 2017



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), CIM/UFLA.

Mesmo com as oscilações de produção e produtividade, a cafeicultura ainda pode ser considerada uma atividade em evolução, na região. Isso se deve ao fato das margens estarem positivas durante a maior parte do período analisado e devido à diversificação da produção, que favorece tal evolução.

O cultivo intercalar na cafeicultura, ou mesmo a ocupação em áreas diferentes da propriedade, com mamão, cacau, pimenta do reino, seringueira, banana, eucalipto, entre outras culturas, permite aos produtores acessar várias fontes de renda. Essa diversificação é um dos fatores que explicam a resiliência dos produtores, nos momentos de crise da cafeicultura.

Se Portugal enviasse missionários à região do descobrimento para verificar o desempenho atual da cafeicultura, seguramente, eles retornariam com uma imagem diferente daquela expressa por Pero Vaz de Caminha.

No relatório certamente constaria a mensagem: “Nessa terra, a cafeicultura é uma atividade viável, caso seja bem gerida, com diversificação de culturas e utilizando-se da alta tecnologia já existente. Porém, ela está submetida a todos os riscos climáticos e de mercado, como qualquer outra atividade agrícola do país”.

Assim, para que ela perdure no médio/longo prazos, os cafeicultores devem considerar a utilização de ferramentas de mitigação de risco como hedge e seguro rural. Além disso, o governo deve, como em todas as regiões produtoras, viabilizar o uso dessas ferramentas. 🌱

² Custo Operacional Total (COT) - refere-se aos custos com depreciação e pró-labore somados ao COE

³ MB – refere-se a diferença entre a receita bruta e o COE.

⁴ ML- refere-se a diferença entre a receita bruta e o COT.